

# Posso ouvir teu cartão de memória? Músicas e discursos contemporâneos constituindo feminilidades

Juliana Ribeiro de Vargas<sup>1</sup>  
Rodrigo Saballa de Carvalho<sup>2</sup>

## Resumo:

Neste estudo buscamos problematizar a constituição de subjetividades de alunas contemporâneas frente a determinados discursos visibilizados em determinadas mídias musicais, que são acessadas por elas através de seus celulares. Em consonância com as teorizações dos Estudos Culturais, dos Estudos de Gênero e das análises de Michel Foucault, entendemos que os discursos operam na constituição de subjetividades de tais alunas e, na (re)produção dos modos de viver a feminilidade na atualidade. Como docentes, acreditamos que o entendimento sobre os modos de ser e de viver das estudantes contemporâneas possa contribuir para organização de diferenciadas práticas pedagógicas nas instituições escolares.

**Palavras-chave:** estudos culturais, gênero, feminilidade, discurso.

## Turning the cell phone on (off): songs and discourse are becoming contemporary feminilities

## Abstract:

This research seeks to understand and discuss the formation of subjectivities of contemporary young female students of a school in the outskirts, in view of the discourses on gender, sexuality and femininity present in certain musical media, accessed and shared by them through their cell phones. Supported in ethnographic methodologies and in accordance with the theories of Cultural Studies, Gender Studies and the analyses of Michel Foucault, we understand that the

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e em Educação Física pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Mestre e Doutora em Educação (PPGEDU/UFRGS). Pesquisadora e Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil (PPGEDU/ULBRA).

<sup>2</sup> Pós-Doutor em Educação (UFPEL), Doutor e Mestre em Educação (UFRGS), Pedagogo. Professor do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH-UFFS) e do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Líder do Grupo de Pesquisas em Educação, Culturas e Políticas Contemporâneas (UFFS).

discourses operate in the formation of subjectivities of such female students and, therefore, in the (re)production of the ways of experiencing femininity today. Initially, through the perspectives listed, we present considerations about the ideals of femininity. Subsequently, we analyze discourses on the categories highlighted above, visualized in songs mentioned by the students, discussing them in view of their discourses. As teachers, we believe that understanding the ways of being and living of contemporary female students may contribute to the organization of differentiated pedagogical practices in schools.

**Key words:** cultural studies, gender, femininity, discourse.

Amélia não tinha a menor vaidade.  
Amélia é que era mulher de verdade  
(Aí, que saudades da Amélia, Mario Lago e Ataulfo Alves)<sup>3</sup>

Ela não anda  
Ela desfila  
Ela é top, capa de revista  
É a mais mais, ela arrasa no look  
Tira foto no espelho pra postar no facebook  
(Ela é top! *Mc Bola*)<sup>4</sup>

Ambas as canções destacadas na epígrafe têm a figura de uma mulher como temática principal. Contudo, é possível observar, mesmo nos breves trechos aqui apresentados, a notória diferenciação entre a imagem feminina descrita por Mario Lago e Ataulfo Alves, nos anos de 1940 e àquela apresentada por *Mc Bola*, na segunda década do século XXI. Enquanto Amélia tem sua feminilidade associada ao não exercício da vaidade, a mulher dos versos de *Mc Bola* é descrita como expoente de beleza em razão do exercício e da ostentação de sua vaidade. Frente às assertivas, pensamos ser válido problematizar discursos acerca da constituição da feminilidade, uma vez que, em pouco mais de meio século, não ocorre a permanência de tais discursos. Se antes, *uma mulher de verdade* apresentava-se de modo simples e singelo, nos tempos atuais, para ser reconhecida pelos demais, para ser considerada popular, uma mulher deve ser, *imprescindivelmente*, bela e vaidosa?<sup>5</sup>

---

3 Informações interessantes sobre a música podem ser encontradas em: <http://passeandopelocotidiano.blogspot.com.br/2011/08/historia-por-tras-da-musica-ai-que.html>  
Acesso de 01. jun. 2013

4 Algumas informações sobre o artista podem ser encontradas em sua página de relacionamento na web: <https://www.facebook.com/pages/MC-Bola/270069253062253?fref=ts>. Acesso em 05 de abr. 2013.

5 Entendemos como afirma Foucault (2012), que os discursos são constituídos frente às distintas condições históricas. Complementamos com as palavras de Veyne (2011, p. 26): “Explicitar um

Abordando a temática das mídias músicas, o presente trabalho busca analisar e problematizar a constituição de subjetividades de jovens alunas contemporâneas, estudantes de uma escola de periferia, frente aos discursos sobre gênero, sexualidade e feminilidade presentes em determinadas músicas, acessadas e compartilhadas por elas através de seus aparelhos celulares. Desta forma, pretendemos compreender como discursos visibilizados pelas músicas escutadas pelas alunas produzem modos de viver a feminilidade na atualidade, em especial, no contexto das periferias urbanas, espaço no qual estão localizadas um grande número de escolas das redes públicas de ensino. É importante destacar que segundo Antônio Flávio Moreira e Paulo Melgaço da Silva Junior (2010), estudar as periferias urbanas coloca-se como um caminho profícuo para a análise das práticas sociais vividas pelos moradores que nelas habitam e também para compreensão dos discursos circulantes em tais espaços.

É importante referir que entendemos, neste estudo, a feminilidade como expressividade constituída a partir dos discursos sobre gênero e sexualidade formulados ao longo dos tempos e em distintas sociedades. Logo, de modo semelhante à Elaine Dulac (2002), compreendemos feminilidade como uma categoria cultural. Destacamos ainda que os processos de constituição das subjetividades das alunas jovens estão implicados nas formas como essas elencam para vivenciar suas feminilidades, uma vez que “os modos de subjetivação, são, precisamente, as práticas de constituição dos sujeitos” (CASTRO, 2009, p. 408). Segundo Larrosa (1994), a constituição das subjetividades está relacionada aos aspectos da experiência de si, nas quais o sujeito relaciona-se consigo mesmo, ou seja, os modos pelos quais ele observa-se, analisa-se e reconhece a si próprio. Ainda de acordo com o referido autor, os processos de experiência de si estão relacionados às diversificadas experiências culturais com quais os sujeitos têm contato. A partir desta premissa compreendemos que a análise de determinados aspectos culturais com os quais as alunas têm contato, a exemplo das músicas que as mesmas armazenam e escutam em seus aparelhos celulares, como estratégia importante para a compreensão de modos de experiência de si de tais jovens.

É válido enfatizar que as perspectiva dos Estudos Culturais e os Estudos de Gênero, em uma perspectiva pós-estruturalista, constituem as trilhas

---

discurso, uma prática discursiva, consistirá em interpretar o que as pessoas faziam ou diziam, em compreender o que supõem seus gestos, suas palavras, suas instituições [...]”

principais deste estudo. Como pontuam Nelson, Tricheler e Grossberg, (1995), o campo dos Estudos Culturais visa à desconstrução das relações hierárquicas entre alta e baixa cultura, desassociando o conceito de cultura exclusivamente das produções de determinados grupos sociais, denominadas como produções de *alta cultura*<sup>6</sup>. Assim, é possível compreender as músicas escutadas pelas alunas desse estudo em seus celulares como manifestações culturais.

Os aportes dos Estudos de Gênero permite-nos compreender homens e mulheres como categorias constituídas para além das diferenciações biológicas, nas quais as caracterizações organizadas na cultura diferem em diferentes tempos e sociedades. Como afirma Joan Scott (1995) o conceito de gênero pode ser entendido como um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e também como uma forma primária de dar significado às relações de poder. Em consonância com as ideias de Scott (1995), Teresa de Lauretis (1994) compreende o conceito de gênero para além da associação entre as diferenças sexuais, uma vez que para ela também aquelas não são universais, não sendo articuladas em razão de essências únicas. A partir de tais formulações, Lauretis (1994, p. 208) aproxima o referido conceito às teorizações de Foucault constituídas principalmente nos volumes da História da Sexualidade:

[...] assim como a sexualidade, o gênero não é uma propriedade de corpos nem algo existente a priori nos seres humanos, mas nas palavras de Foucault, [relaciona-se ao] ‘conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais’ por meio do desdobramento de ‘uma complexa tecnologia política’.

Apresentamos, posteriormente, as perspectivas metodológicas que pautam este estudo. Na seção seguinte, trazemos recortes de determinadas músicas escutadas pelo grupo de alunas investigado, as quais parecem estar imbricadas na constituição dos modos de viver as feminilidades contemporâneas. Encerramos este texto pensando que as análises sobre posicionamentos e posturas das estudantes possibilitam a organização de práticas pedagógicas diferenciadas, alinhadas ao cenário contemporâneo atual.

---

<sup>6</sup> O conceito de cultura associado às produções de determinados grupos sociais foi constituído, principalmente, ao longo da Modernidade, período em que se aceitou “[...] que a cultura designava o conjunto de tudo aquilo que a humanidade havia produzido de melhor – fosse em termos materiais, artísticos, filosóficos, científicos, literários, etc. Nesse sentido, a cultura foi durante muito tempo pensada como única e universal.” (VEIGA-NETO, 2003, p. 7).

## POSSO OUVIR TEU CARTÃO DE MEMÓRIA? OS PASSOS METODOLÓGICOS

Ao longo de observações de um grupo de jovens alunas foi possível verificar a forte inserção do aparelho celular como ferramenta de comunicação e artefato midiático utilizado pelas estudantes. Ações como trocar mensagens, conversar com colegas, realizar os exercícios de determinada disciplina e ainda ouvir música no celular pelo fone de ouvido (burlando muitas vezes o olhar do professor) tornaram-se atividades características e comumente praticadas pelos estudantes dos tempos atuais. Na atualidade os jovens alunos conseguem comunicar-se de diversificadas formas, sob diferentes tecnologias, em uma velocidade ímpar (GARBIN, 2009).

Em referências aos aparelhos celulares, é possível pensar que, de modo semelhante aos chamados diários de outros tempos, os mesmos prestem-se ao registro de memórias/vivências das jovens, pois imagens e músicas que remetem aos ídolos, amores e amigos ficam registradas nos cartões de memória dos aparelhos. É possível pensar tais registros imagéticos e musicais como modos através dos quais as alunas também se constituem e são subjetivadas em sua existência. Contudo, vale pontuar a provisoriidade e a flexibilidade que tal recurso comporta, uma vez que cada aluna costuma possuir mais de um cartão de memória e tem a possibilidade de constantemente registrar e apagar seus arquivos. Podemos pensar que os registros de tais alunas constituam memórias fragmentadas, distantes da ideia de totalidade cara à modernidade. A fim de entender melhor a constituição dessas memórias é preciso, como afirma Zygmunt Bauman (2001), abandonar toda a esperança de totalidade, seja esta passada ou futura, uma vez que as mesmas poderiam ser descritas como ‘memórias fluídas’.

Ao analisar os cartões de memória do grupo de alunas, o elevado número de registros musicais foi um dos aspectos que chamou-nos a atenção, pois muitas das alunas armazenavam mais de uma centena de músicas em um mesmo cartão. Tais mídias circulavam entre as alunas através da tecnologia *bluetooth*, ou ainda por programas de acesso e transferência do conteúdo da *web* para artefatos tais como computadores, celulares, aparelhos de MP3 e

MP4.<sup>7</sup> A possibilidade de ter um número elevado de músicas nos seus celulares foi destacada pelas alunas como força motivadora para o acesso/troca de tais mídias, como descreve Suzana (13 anos): “Às vezes eu nem sei que música eu “tô” pegando [...] Eu gosto de ter bastante música no meu celular para quando eu vou viajar. Gosto de ficar escutando!”. Tal ideia é reiterada por Evillyn (15 anos): “Eu nem escuto tudo, eu ponho várias músicas para o meu cartão de memória ficar cheio”, para ter várias músicas!”<sup>8</sup>

Ao conversamos com as alunas, a maior parte das mesmas afirmava que “ouve de tudo um pouco”, destacando os gêneros *funk*, sertanejo e pagode como seus preferidos. Procuramos destacar, nas seções abaixo, como tais mídias musicais visibilizam categorias tais como sexualidade, gênero, entre outras, organizando possivelmente modos de ser jovem aluna e de viver a feminilidade na contemporaneidade.

### **VAI SER NA CAPTIVA OU NA VERA CRUZ? MODOS PARA O EXERCÍCIO DA SEXUALIDADE**

Pode-se afirmar que início do século XIX corrobora com o período em que o termo sexualidade surge como discurso relacionado ao desenvolvimento de áreas de conhecimentos diversas que “[...] cobriram tanto os mecanismos biológicos da reprodução como variantes individuais ou sociais do comportamento [...]” (FOUCAULT, 2009, p. 10). Para o referido autor, a sexualidade também pode ser compreendida como um dispositivo histórico articulado por estratégias de saber-poder as quais regulam corpos, prazeres, discursos, controles e resistências (FOUCAULT, 2007). E, é na conceituação do sexo que o dispositivo da sexualidade e, por conseguinte, a sua produção discursiva, apoia-se para operar. Logo, o sexo constitui um elemento do dispositivo da sexualidade, o qual está intimamente relacionado às relações de poder estabelecidas em uma sociedade. (BUTLER, 2008).

Vale destacar que muitas das músicas relacionadas ao *funk* apresentam letras com expressões que denotam formas de relacionamento nos quais a vivência da sexualidade é explícita, pois as palavras utilizadas pelos seus

---

<sup>7</sup> Programas como *Ares*, *Emule*, *Pirate* e *MP3Rocket* são exemplos de programas utilizados para copiar as músicas.

<sup>8</sup> Conversação de 24 de mai. 2012. Os nomes das alunas são fictícios a fim de preservar-lhes a identidade.

intérpretes visibilizam práticas relacionadas ao próprio ato sexual, tal como é possível perceber no excerto abaixo, retirado do celular de Eduarda (13 anos).

Hoje eu vou trair tra-trair-tra-trair  
Fazer tudo que quero que-quero que-quero  
Pra que compromisso?  
Se eu não quero nada sério?

E-E-Entra no clima tá amor?  
É so uma botada e tchau  
Botada e tchau(Botada e tchau – Os Hawaianos)

Algumas das músicas mais escutadas pelas alunas apresentavam expressões que relacionavam o exercício da sexualidade a uma prática para a qual não eram impostos limites ou empecilhos. Desde relacionamentos entre pessoas comprometidas até mesmo o ato sexual consumado, eram ações destacadas nas músicas como incontrolláveis, que deveriam ser realizadas imediatamente, sem preocupações maiores sobre, por exemplo, a adequação do espaço ou das circunstâncias estabelecidas para tal prática. Também as consequências posteriores de envolvimento ancorados apenas pelo desejo sexual eram relegadas a segundo plano, uma vez que *quando a pegada é quente [e] o clima envolvente, não tem como parar e ainda, se a carne é fraca, quando o lance é pele, o coração [é] que paga*. As hipóteses de violência sexual ou de uma gravidez indesejada não eram abordadas nas músicas analisadas, inferindo-se que quando “pinta a vontade”, tudo possa acontecer, mesmo que seja no interior de um veículo ou em meio a um baile *funk*, como é possível observar no excerto abaixo:

Novinha tu vem assim  
Do jeito que me seduz  
Tu quer mamar na Captiva  
Ou quer mamar na Vera Cruz.

Pode ficar tranquila  
Pode ficar suave  
O vidro é fumé  
E tem espaço a vontade. (Captiva ou Vera Cruz – Mc G7)

Também é visível, em tais análises, que o fato de se estar comprometido com um namoro ou um casamento não seja visto como uma situação impeditiva para também viver outras formas de relacionamento, tal como um *romance escondido*, ou um *lancinho*, como está exposto na música a seguir:

Por isso me liga, querendo me ver

E eu paro tudo pra estar com você  
Preciso te dizer

Quero você.  
Namora, mas adora um proibido  
E eu que sou culpado, e eu que sou bandido  
Prefere um romance escondido  
Sai na madrugada pra dar lancinho comigo  
(Lancinho – Turma do Pagode)

Para vivenciar essa relação, o *lancinho*, determinadas condutas parecem ser permitidas, a exemplo de sair pela madrugada. Pode-se inferir os excertos aqui apresentados como enunciações que fomentam o enunciado da sexualidade como um desejo incontrolável, o qual faz com que os envolvidos percam a “linha”, o suposto controle sobre as suas ações.<sup>9</sup>

Algumas narrativas das alunas em questão também destacam a associação do exercício da sexualidade à uma força difícil de ser dominada. Por conseguinte, as possíveis traições poderiam ter uma justificativa, como destaca a aluna:

**Amanda:** [...] assim como existe o orgulho também existe a atração. Digamos, eu estou casada com um guri e eu vi outro guri que eu gostei. Não do jeito que eu gosto do meu marido, mas eu senti uma atração por ele, uma queda. Se ele vem, conversa comigo e mostra que está a fim (de uma relação), eu fico curiosa... Na hora a pessoa não pensa!

**Pesq:** Vocês acham que muitas vezes acontece isso gurias?

**Skalert:** Eu acho! (Roda de Conversa 03 jun. 2013)

Um contraponto, interessante para ser problematizado, está na música *Que Bom que você chegou*, associada ao gênero Gospel Religioso, que evidencia, através de sua letra, a felicidade encontrada por uma mulher no matrimônio, o qual é descrito pela canção como "um presente de Deus".<sup>10</sup> O que chama a atenção é que ela é compartilhada entre alunas que escutam ao mesmo tempo músicas de conteúdo lascivo como *Captiva ou Vera Cruz* ou ainda, *Senta, senta no cabeção*.<sup>11</sup> Ou seja, as mesmas alunas que cantam "*Vai*

---

<sup>9</sup>É interessante destacar que a expressão *lancinho* parece denotar um relacionamento breve, que pode envolver ou não uma relação sexual, diferenciando-se assim de uma “simples ficada”.

<sup>10</sup> A música pode ser visibilizada em <http://letras.mus.br/bruna-karla/1478633/>. Acesso em 15 jan. 2012.

<sup>11</sup> Músicas interpretadas, respectivamente por *Mc G7* e *Mc GW*.

*mamar na Captiva*", parecem também ter prazer em ouvir uma música onde o matrimônio é apresentado como a promessa de felicidade plena enviada por Deus.

Além das músicas relacionadas ao *funk*, as associadas ao gênero pagode também foram amplamente encontradas nos cartões de memória. As músicas mais escutadas deste gênero tematizam o modo como alguns homens vivenciam relacionamentos amorosos com as mulheres. Em especial tais músicas descrevem determinadas ações, características do momento do galanteio, da conquista, como práticas naturalmente administradas pelos homens, como é possível observar nos excertos:

Já comprei até buquê de flores  
E uma roupa nova pra te ver  
Rosas lindas de todas as cores  
Especialmente dedicadas a você (Buquê de Flores - Thiaguinho)

Ela é maravilhosa  
Tem um sorriso maroto  
O que será que ela tá querendo?  
Vou chamar pra dançar,  
Vem cá mulher, vem cá  
Dançar, comigo agarradinho vem cá (Assim você mata o papai – Sorriso Maroto)

É interessante perceber que tais músicas, de modo semelhante a algumas relacionadas ao gênero *funk*, operam, a partir de uma mesma matriz discursiva, pautadas por características tais como: a) Os relacionamentos afetivos realizam-se, unicamente, dentro da ordem heterossexual; b) é evidenciado, nas relações descritas, um protagonismo masculino, uma vez que os homens são referidos como ativos nas situações de conquista. E ainda, as mulheres são apresentadas como se fossem objetos “a serviço” da satisfação masculina. Desta forma, é possível pensar que tais características sejam produzidas a partir de uma razão heteronormativa, uma vez que são reiteradas por discursos outros, a exemplo dos discursos religioso e biológico, são operadas nessas diferentes ordens e objetivam fixar determinados comportamentos, ações como naturais para homens e mulheres.

Segundo Jeffrey Weeks (2010), a significação do que seria normalidade e, por conseguinte, a definição da anormalidade em relação às identidades sexuais e ao exercício da sexualidade, foram elementos importantes para a distinção entre a homossexualidade e a heterossexualidade, ocorrida entre os séculos XIX e XX. Logo, a constituição de uma adequada identidade sexual

feminina, bem como de um modelo de sexualidade masculino, estiveram relacionados à produção da heterossexualidade.

De acordo com Luís Henrique S. Santos (2009), a heteronormatividade organiza um parâmetro de sexualidade que tem a qualidade e força de uma norma. (SANTOS, 2009 p. 25), o qual é produzido na associação entre o sexo, o gênero e a orientação sexual, estabelecendo assim posições dicotômicas e binárias (SEFFNER, 2013). Assim, em nossa sociedade, conforme percebemos nos exemplos elencados, “[...] os homens são os agentes sexuais ativos; as mulheres, por causa dos seus corpos altamente sexualizados [...], ou apesar disso, [são] ‘despertadas para a vida’ pelos homens.” (WEEKS, 2010, p. 41). A “problemática” ocorre quando os jovens e as jovens, os homens e as mulheres, diferem em seu modo de viver de formas entendidas como naturalizadas para ser e agir. Ou seja, quando suas posturas diferem de uma lógica heteronormativa.

É preciso seguir...

[...] eu acho que discursos, na verdade, habitam corpos. Eles se acomodam em corpos; os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue (BUTLER, 2002, p. 163)

As palavras de Butler (2002) são profícuas para pensar como os diferentes discursos, a exemplo daqueles elencados neste estudo, acabam por constituir distintos modos de ser uma jovem aluna na contemporaneidade. O próprio conceito de juventude remete a ideia de categoria plural, fato que a afasta de um modo único para descrevê-la e contextualizá-la (GARBIN, 2009 e DAYRELL 2007). Contudo, na atualidade, certas características tais como beleza, espontaneidade, vitalidade e versatilidade acabam por ser naturalmente associadas à condição juvenil, exaltadas por diversos discursos circulantes em nossa sociedade, a exemplo do discurso midiático e do discurso médico.

Lisiane Santos (2006), pesquisadora que investigou a relação entre a constituição de identidades juvenis de estudantes secundaristas e as práticas culturais atreladas às músicas escutadas pelos mesmos, vale-se das ideias de Simon Frith (1997), a fim de pontuar que as músicas não devem ser compreendidas como espelhos que refletiriam manifestações dos povos, das culturas, mas sim, como produtoras de sujeitos, de experiências. Logo, “[...] a música também seria uma possibilidade de experiência do indivíduo com ele próprio”. (SANTOS, 2006, p.23). Concordando com essa premissa,

acreditamos que as experiências musicais vivenciadas pelas alunas jovens desta pesquisa constituam-se, também, como modos de subjetivação, os quais (re)produzem distintas formas de vivenciar a feminilidade, nos tempos contemporâneos.

A respeito da produtividade das diversificadas mídias na constituição dos sujeitos afirma Rosa Fischer (2001, p. 588): "[...] a mídia não apenas veicula, mas também constrói discursos e produz significados, identidades e sujeitos [...]" Vale pontuar que, segundo a referida autora, a(s) feminilidade(s) acabam por ser "reforçadas, imaginadas, dinamizadas, polemizadas, enfim, construídas na cultura." (Fischer, 2001, p. 591). A dimensão cultural é destaca por Dayrell (2007) como espaço de constituição das identidades juvenis, através das práticas, dos símbolos e dos rituais compartilhados entre os pares e muitas vezes, visibilizados nos próprios corpos dos jovens, a exemplo das tatuagens e *piercings* que os mesmos ostentam. Para Dayrell (2007), tal dimensão acaba por determinar, ao menos em parte, as possibilidades para a constituição de uma condição juvenil.

Desta forma, compreendemos como necessário o estudo e a problematização acerca das formas que os discursos visibilizados pelas músicas escutadas por alunas produzem modos de viver a feminilidade na atualidade, pois as mesmas armazenam em seus celulares tanto músicas lascivas como românticas apreciadas, muitas vezes, tão somente pela sua "batida" e pelo seu "ritmo". Entendemos ainda que visibilizar e problematizar os modos de ser e de viver das alunas jovens, nos tempos atuais, é possibilitar uma melhor compreensão das condições que organizam a constituição das culturas juvenis femininas. Pensamos que muitos outros discursos poderiam ser aqui problematizados; não em busca de soluções mágicas e imediatas, mas sim buscando dar visibilidade para dimensões ainda pouco estudadas no que se refere à juventude feminina. Encerramos com as palavras de Louro (2003, p.51): "Talvez seja mais produtivo para nós, educadoras e educadores, deixar de considerar toda essa diversidade de sujeitos e práticas como um 'problema' e passar a pensá-la como constituinte do nosso tempo".

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 2. ed. Tradução de: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria. In: PRINS, Baukje; MEIJER, Irene. In: **Revista Estudos Feministas**, v.10, n.1, p. 155-167, 2002.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DAYREL, Juarez . A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial.p. 1105-1128, out. 2007.

DULAC, Elaine Beatriz Ferreira. **Beleza, Sedução e Juventude: A Revista do Globo ensinando Feminilidade**. 2002. Porto Alegre: UFRGS, 2002.155 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e educação da mulher: sobre modos de enunciar o feminino na TV. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis (SC), v. 9, n. 2, p. 586-599. 2001.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade II- O uso dos prazeres**. 13ed. São Paulo: Graal, 2009.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I- A vontade de saber**. 18.ed. São Paulo: Graal, 2007.

FRITH, Simon. Music and Identity. In: HALL, Stuart and DU GAY, Paul. **Question of cultural identity**. Sage Publications, 1997.

GARBIN, Elisabete M. Conectados por um fio: alguns apontamentos sobre internet, culturas juvenis contemporâneas e escola. In: **Salto para o futuro** – Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio. Ano XIX, boletim 18, novembro de 2009, p. 30-40.

LARROSA, Jorge. **Tecnologias do eu e educação**. In: SILVA, Tomaz Tadeu. O sujeito da educação. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86.

LAURETIS, Teresa de. A Tecnologia do Gênero. Tradução de Suzana Funck. In: Hollanda, Heloisa Buarque de (org.), **Tendências e Impasses** – OFeminismo como Crítica da Cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p.206-242.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 41-52.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa e SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço. Periferias, sexualidades e educação para a sexualidade: desafios para as práticas curriculares. In: SOBREIRA, Henrique Garcia (Org.). **Educação, culturas e comunicação nas periferias urbanas**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010, p.21-40.

NELSON, Caryet al. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 1995, p.7-38.

SANTOS, Lisiane Gazola. **Sons das Tribos**– Compondoidentidades juvenis em uma escola urbana de Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós Graduação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

SANTOS, Luiz Henrique Sacchi dos. Heteronormatividade & Educação. In: **Tá difícil de falar sobre sexualidade na escola?** SOMOS: Porto Alegre, 2009, p. 26-36.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SEFFNER, Fernando. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 39, n. 1, p. 145-159, jan./mar. 2013.

VEIGA-NETO Alfredo. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, n. 23, , p. 5-15, maio./jun./jul./ago. 2003.

VEYNE, Paul. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, 256 p.

WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a Sexualidade. In: LOURO, G.L (org.). **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 3ª ed. Autêntica: Belo Horizonte, 2010, p. 35-82.

*Recebido em dezembro de 2014*  
*Aprovado em junho de 2015*